

CAPOEIRA, GRIÔ, CIRANDA E MACULELÊ NO INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE MATO GROSSO¹

Renata de Oliveira Carvalho,

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso (IFMT)

Luciana Monteiro de Campos,

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso (IFMT)

Miguel Juliano Belo Perzyvitoski,

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso (IFMT)

RESUMO

Este estudo discute como o ensino da cultura afro-brasileira na escola se constitui em frentes de educação antirracista no IFMT por meio de oficinas, projetos e nas aulas de educação física e geografia. Dentre os conhecimentos difundidos, destacamos o acesso a conhecimentos contra-hegemônicos e a sistematização dos aspectos simbólicos das práticas corporais afro-brasileiras. Concluímos que a educação necessita ultrapassar a mera citação das contribuições do negro na sociedade partindo para um projeto político pedagógico.

PALAVRAS-CHAVE: Educação antirracista; Cultura afro-brasileira; Escola.

INTRODUÇÃO

O presente estudo tem por objetivo discutir como o ensino de práticas corporais da cultura afro-brasileira se constitui em frentes de educação antirracista no IFMT Campus Sorriso. Através de conhecimentos histórico-críticos como as origens do Maculelê, da ciranda, do conceito de Griô² e da Capoeira enquanto patrimônios do Brasil, uma professora de educação física, uma professora de geografia e um professor de educação física desenvolvem o ensino da cultura afro-brasileira no IFMT Campus Sorriso nas dimensões do ensino, da pesquisa e da extensão.

¹ O presente trabalho não contou com apoio financeiro de nenhuma natureza para sua realização

² Termo utilizado para referenciar pessoas da cultura popular que transmitem conhecimentos e saberes de maneira oral como acontece em quilombos, e na capoeira, exemplificando.

REFERENCIAL TEÓRICO

Para Carvalho e Tavares (2018), o ambiente escolar tende a reproduzir os efeitos do racismo estrutural brasileiro, constituindo-se repleto de demandas no que tange a um projeto de educação antirracista. Além disso, autores como Costa e Oliveira (2015) e Nilma Lino Gomes (2010) têm discutido que o currículo escolar se assenta na perspectiva eurocêntrica em que as diferentes matizes de formação da nação brasileira (indígena, europeia e africana) não são retratadas como igualmente importantes. Frente a essa conjuntura, a Lei nº 10.639/03³ é regulamentada como resultado das lutas antirracistas, deliberando a obrigatoriedade do ensino da história e cultura africana na escola.

Diante disso, Taffarel (2005) discute a Capoeira como um projeto histórico, construído socialmente, e com uma perspectiva crítica acerca do mundo. O Maculelê, misto de jogo, luta e dança, é um fragmento do Cucumbi, uma dança dramática em que os negros batiam pedaços roliços de madeira acompanhado por cantos (FALCÃO, 2009). Sintetizamos que, através das práticas corporais Capoeira e dança, (Maculelê e ciranda), exploramos os valores e os signos da cultura afro-brasileira sob a perspectiva metodológica Griô que prima pela oralidade, mito e corporalidade, direcionando-nos à valorização da cultura afro-brasileira como frentes de educação antirracista mediante ao ensino, à pesquisa e à extensão.

METODOLOGIA

Destacamos que dois dos autores são professores de educação física, um homem branco e uma mulher negra, e a outra professora é de geografia, também uma mulher negra. A cultura afro-brasileira foi desenvolvida: a) primeiramente, a professora de geografia e a de educação física desenvolveram-na como oficina em setembro de 2019 durante um evento intitulado Painel Temático Carolina Maria de Jesus⁴ b) depois, noutra oficina durante o evento de acolhimento dos estudantes em fevereiro de 2020; c) em caráter contínuo (antes da pandemia), a professora de geografia desenvolveu o Projeto de Extensão Cultura Afro: uma alternativa à formação cidadã, em 2019, ensinando a Capoeira e o Maculelê para adultos e crianças da comunidade escola; e) no âmbito da pesquisa, juntamente com estudantes-autores do ensino médio, foram publicados um resumo simples acerca destas experiências

³ http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm

pedagógicas no Salão Jovem da UFRGS⁵ 2020, um artigo na revista científica Cadernos do Aplicação UFRGS que tematizava a educação antirracista no IFMT em 2021 e um resumo simples no WORKIF (VII Workshop de Ensino, Pesquisa, Extensão e Inovação) em 2021; f) nas aulas de educação física e geografia para o ensino médio.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A Capoeira é uma prática corporal que se opõe à lógica meramente capitalista observada em muitos esportes, pois, apresenta aos alunos uma possibilidade criativa que advém dos recursos naturais, respeitando-os e valorizando-os. Ora, com uma cabaça, uma verga, um pedaço de arame e uma pedra é possível construir um instrumento musical de corda e com ele produzir uma sonoridade ímpar e extremamente característica. Observamos que os estudantes valorizam os movimentos corporais oriundos da Capoeira, especialmente em duplas, vivenciando diferentes manejos do corpo como algo agregador em suas vidas escolares. A Capoeira traz consigo características democráticas e contra-hegemônicas, no sentido de ser praticada na rua, com materiais e roupas não delimitados por uma lógica elitizada, e de pés descalços (CARVALHO, 2018). Nestes sentidos, a constitui-se num espaço-tempo na escola para os estudantes e a comunidade escolar experimentarem o lúdico, o mítico, o canto, o ritmo, as esquivas e os pontapés enquanto movimentos de luta que remetem ao enfrentamento, à resistência e à história de um povo que produz cultura, apesar de e para além da condição de outrora brutalmente escravizados⁶.

É possível perceber que inicialmente as meninas possuem mais afeição à proposta de estudar dança na escola. Entretanto, não naturalizamos aqui as desconfianças iniciais dos meninos. A feminilidade e a masculinidade são construídas pelos alunos em função das relações de poder socialmente instituídas (ISSE, 2003), parecendo indesejável aos meninos associarem-se às coisas consideradas mais sensíveis ou intimistas, como dançar (CARVALHO, 2018). Exemplificando, para Wenez e Stigger (2006), o comportamento naturalizado é que meninos brinquem de futebol e as meninas não, tematizando que os alunos aprendem a construir essas diferenças no espaço escolar (p. 72). Neste sentido, formulamos

⁵ Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

⁶ Nossa intenção não é minimizar a percepção dos estudantes/comunidade acerca do passado de escravização do povo negro, pelo contrário. O que desejamos é demonstrar a imensa e vasta contribuição do povo negro na constituição da nação brasileira nos vieses culturais, científicos, históricos, artísticos, filosóficos e outros.

que também é inicialmente inesperado para os meninos que eles precisem vivenciar a dança na escola, pois, isso parece “ameaçar” sua ideia de masculinidade. Passado um primeiro estranhamento, contudo, os meninos entregam-se à ludicidade da ciranda e do Maculelê, e os sinais do divertimento e sensibilidade começam a ser por eles permitidos, tais como, os sorrisos, as brincadeiras, os abraços e a disposição. Assim, quando meninos e meninas vivenciam esta cultura na escola, partem para uma construção mais crítica acerca do conhecimento por meio da corporeidade. Isso se constitui um avanço e um ganho para suas experiências acadêmicas, já que, todos fazem os mesmos movimentos, e os mesmos papéis, sem distinções. Partimos da perspectiva da união e da unidade, o que por sua vez se opõe à lógica mais capitalista que versa acerca da individualidade, favorecendo assim o desenvolvimento da sensibilidade, da empatia e do trabalho em equipe.

Não há como cirandar sozinho. A cantiga lhes é ensinada oralmente, referenciando o saber popular. A professora destaca que a aprendera com o Mestre Griô Márcio Caires de Lençóis, Bahia, que aprendera com “Seu” João Cirandeiro da Paraíba. Ela diz “Saí de casa com o pé direito na frente, eu vim ciente pisar nesta terra. A cirandeira, quando escuta o baque do bumbo, ela responde á pé da serra [...]”. Uma vez que os estudantes não estão habituados a cantar e dançar na escola e tampouco a aprender sem anotar no caderno, há uma ruptura práticas escolares mais tradicionais, uma ampliação do desenvolvimento dos alunos e do fazer pedagógico em si.

Por fim, este trabalho proporciona uma ampliação do conhecimento por se opor à rigidez de alguns processos escolares. Com isto, estamos discutindo que, além de “preparar” os estudantes para o vestibular, a escola merece problematizar e enfrentar desigualdades estruturais a partir da diversidade metodológica e mediante a abordagem de variadas dimensões do conhecimento: culturais, ambientais, corporais, cidadãs, físico-motoras, científicas, artísticas, de acompanhamento pedagógico (CARVALHO, 2018). Isto é, faz-se necessário além de ensinar, refletir em grupo as práticas através da epistemologia e devolvê-la também à sociedade, “baixando” os muros da escola à medida que sua comunidade começa a entender-se parte dela.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo relatou como é desenvolvido o ensino das práticas corporais da cultura afro-brasileira enquanto frentes de uma educação antirracista no IFMT Campus



Sorriso, Mato Grosso. A cultura afro-brasileira, a Capoeira, o Griô, a ciranda e o Maculelê no IFMT fazem parte de um projeto de escola, de comunidade escolar e podem favorecer microtransformações que vislumbrem a cidadania e a consciência dos envolvidos. A escola merece e necessita ultrapassar a mera citação da existência das contribuições do negro em nossa sociedade em datas como a Semana da Consciência Negra, partindo de um projeto político pedagógico que explane a cultura, a história e as identidades afro-brasileiras de maneira orgânica e pulverizada nas atividades acadêmicas, possibilitando assim o desenvolvimento da educação antirracista nos moldes da lei.

CAPOEIRA, GRIÔ, CIRANDA AND MACULELÊ AT THE FEDERAL INSTITUTE OF EDUCATION, SCIENCE AND TECHNOLOGY OF MATO GROSSO

ABSTRACT

This study discusses how the teaching of Afro-Brazilian culture at school constitutes fronts for anti-racist education at IFMT through workshops, projects and physical education and geography classes. Among the widespread knowledge, we highlight the access to counter-hegemonic knowledge and the systematization of the symbolic aspects of Afro-Brazilian bodily practices. We conclude that education requires going beyond the mere citation of the contributions of black people in society, starting with a political pedagogical project.

KEYWORDS: *Anti-racist education; Afro-Brazilian culture; School.*

CAPOEIRA, GRIÔ, CIRANDA Y MACULELÊ EN EL INSTITUTO FEDERAL DE EDUCACIÓN, CIENCIA Y TECNOLOGÍA DE MATO GROSSO

RESUMEN

Este estudio discute cómo la enseñanza de la cultura afrobrasileña en la escuela constituye frentes para la educación antirracista en el IFMT a través de talleres, proyectos y clases de educación física y geografía. Entre los conocimientos difundidos, destacamos el acceso al conocimiento contrahegemónico y la sistematización de los aspectos simbólicos de las prácticas corporales afrobrasileñas. Concluimos que la educación requiere ir más allá de la mera cita de los aportes de los negros en la sociedad, partiendo de un proyecto político pedagógico.

PALABRAS CLAVE: *Educación antirracista; Cultura afrobrasileña; Colegio.*



REFERÊNCIAS

CARVALHO, R. de O. **As práticas corporais na educação integral em tempo integral: um estudo em duas escolas públicas** / Renata de Oliveira Carvalho. -- 2018. 182 f. Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Escola de Educação Física, Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Porto Alegre, BR-RS, 2018.

CARVALHO, R. de O; TAVARES, N. S. O grito da consciência: uma experiência pedagógica e artística no âmbito escolar. *In: Seminário corpos, gêneros, sexualidades e relações raciais na educação: avanços e retrocessos nas práticas sociais e na produção de subjetividades*, 4, Uruguaiiana, 2018. **Anais...** Uruguaiiana: Unipampa, 2018, p. 33-42.

COSTA, C. S.; OLIVEIRA, O. V. Relações raciais, currículo e prática pedagógica na formação superior: olhar de dentro para fora. *In: MULLER, T. M. P.; COELHO, W. N. B.; FERREIRA, P. A. B. Relações raciais, formação de professores e currículo*. São Paulo: Livraria da Física, 2015.

FALCÃO, J. L. C. Maculelê. **Currículo em debate–Goiás. Sequências didáticas–convite à ação–Secretaria de Educação. Governo do estado de Goiás. Versão**, v. 7, 2009.

FRAGA, A. B; GONZALEZ, F. J. **Afazer da Educação Física na escola: planejar, ensinar, partilhar**. Edelbra Editora Ltda, 2012.

GOMES, N. L. Educação, relações étnico-raciais e a lei nº 10.639/03: Breves reflexões. *In: Modos de fazer: caderno de atividades, saberes e fazeres* / Ana Paula Brandão [org]. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2010, p. 19 -25.

ISSE, S.F. **Corpo e feminilidade: uma pesquisa com meninas adolescentes no contexto da Educação Física escolar**. 2003. 163 f. Dissertação (Mestrado) - Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

MORAES, K. B. **A Capoeira como matriz no aprendizado de danças afro-brasileira**. 58 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Educação Física (graduação) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, Campinas, 2013.

TAFFAREL, C. N. Z. Capoeira e projeto histórico. *In: SILVA, Ana Márcia, Iara Regi-na Damiani et al. (Org). Práticas corporais. Gênese de um movimento investigativo em Educação Física*. Florianópolis: Nauembla Ciência e Arte, 2005 p. 75-97.

WENETZ, I; STIGGER, M. P. A construção do gênero no espaço escolar. **Movimento. Porto Alegre. Vol. 12, n. 1 (jan./abr. 2006), p. 59-80**. 2006.